



Tecendo fios sobre os programas radiofônicos do Movimento de Educação de Base em Tefé/AM (1963-1980)

Weaving threads about the radio programs of the *Movimento de Educação de Base* in Tefé/AM (1963-1980)

Tejiendo hilos sobre los programas radiales del Movimiento de Educación Básica en Tefé/AM (1963-1980)

Leni Rodrigues Coelho
Universidade do Estado do Amazonas (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-9805-4183>
<http://lattes.cnpq.br/8271320720687193>
lcoelho@uea.edu.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as propostas educativas desenvolvidas pelo Movimento de Educação de Base (MEB) em Tefé/AM, via programas radiofônicos, durante o período de 1963 a 1980. O MEB, criado em 1961, tinha o intuito de alfabetizar adultos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. No que se refere ao MEB em Tefé, suas atividades se iniciaram em 1963, oferecendo cursos e programas radiofônicos que versavam sobre diferentes temáticas às populações ribeirinhas. Para compreendermos sua atuação, analisamos fontes documentais e estabelecemos diálogo com autores que tratam do MEB em diferentes contextos e temporalidades. No que se refere ao embasamento metodológico, aproximamo-nos das ideias de Barros (2019), Certeau (2017) e Ginzburg (1989).

Palavras-chave: Movimento de Educação de Base; MEB Tefé; Radiodifusão.

Abstract

This article aims to analyze the educational proposals developed by the *Movimento de Educação de Base* in Tefé/AM via radio programs in the period from 1963 to 1980. The *Movimento de Educação de Base* (MEB) created in 1961 had the aim of teaching adults in the regions to read and write. North, Northeast and Central-West of the country. As regards the MEB in Tefé, it began its activities in 1963, offering riverside populations courses and radio programs that dealt with different themes. In order to understand MEB's actions, we analyzed documentary sources and established a dialogue with authors who deal with the *Movimento de Educação de Base* in different contexts and temporalities. With regard to the methodological basis, we approached the ideas of Barros (2019), Certeau (2017), Ginzburg (1989).

Keywords: Basic Education Movement; MEB Tefé; Broadcasting.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las propuestas educativas desarrolladas por el Movimiento de Educación de Base en Tefé/AM a través de programas radiales en el período de 1963 a 1980. El Movimiento de Educación de Base (MEB) creado en 1961 tuvo como objetivo enseñar a leer a los adultos de las regiones. y escribir. Norte, Noreste y Centro-Oeste del país. En cuanto al MEB de Tefé, inició sus actividades en 1963, ofreciendo a las poblaciones ribereñas cursos y programas de radio que trataban diferentes temáticas. Para comprender las acciones del MEB, analizamos fuentes documentales y establecimos un diálogo con autores que abordan el Movimiento de Educación Básica en diferentes contextos y temporalidades. En cuanto a las bases metodológicas, nos acercamos a las ideas de Barros (2019), Certeau (2017), Ginzburg (1989).

Palabras-clave: Movimiento de Educación Básica; MEB Tefé; Radiodifusión.

Recebido: 26/09/2024

Aprovado: 19/02/2025

Introdução

O Movimento de Educação de Base (MEB), pensado como um projeto nacional, teve a sua criação em 1961 e objetivava alfabetizar adultos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. No que se refere ao MEB em Tefé, suas atividades se desenvolveram no decurso de quarenta anos (1963-2003), oferecendo às populações ribeirinhas cursos de alfabetização e treinamentos em programas radiofônicos, os quais versavam sobre diferentes temáticas, como alfabetização de adultos, educação sanitária, educação alimentar, puericultura, orientação religiosa, cooperativismo, sindicalismo, entre outros. Neste artigo, o objetivo foi analisar as propostas educativas desenvolvidas pelo MEB em Tefé/AM, via programas radiofônicos, no período de 1963 a 1980. No entanto, daremos ênfase à alfabetização de adultos e às ações relacionadas ao sindicalismo e cooperativismo, uma vez que ali tiveram mais destaque.

Para compreendermos a atuação desse movimento, no recorte temporal estabelecido (primeira gestão do MEB em Tefé/Dom Joaquim de Lange), elegemos como fontes documentais os relatórios mensais, semestrais e anuais, as propostas pedagógicas, os termos de convênios e os *scripts* dos programas radiofônicos. Para estabelecermos diálogo com tais fontes, apropriamo-nos das obras de Kadt (2007), Fávero (2006), Paiva (2009), Peixoto Filho (2003), Raposo (1985) e Wanderley (1984), que discutem o MEB sob diferentes perspectivas e temporalidades. Quanto ao embasamento metodológico, dialogamos com Barros (2019), Certeau (2017) e Ginzburg (1989), que nos ajudaram a pensar o papel do historiador, as maneiras de se fazer a história e o tratamento com as fontes documentais. Para Certeau (2017), em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outras maneiras, sendo necessário pensá-los como sintomas das forças que os constituíram. Desse modo, para compreendermos a historicidade do MEB em Tefé, foi necessário pensar o contexto em que as fontes foram produzidas, quem as produziu e com quais intenções.

O Movimento de Educação de Base: um projeto nacional para alfabetização de adultos

No início da década de 1960, foi criado o MEB, que estava ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e foi financiado pelo Governo Federal, com as atividades iniciadas em 1961 e o intuito de alfabetizar adultos nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte. A ideia de criar escolas radiofônicas para desenvolver as atividades do MEB ocorreu a partir do momento em que Jânio Quadros, candidato à Presidência da República, realizou visita eleitoral a Sergipe e conheceu as ações desenvolvidas pela escola radiofônica da Diocese de Aracaju. Esta tinha como objetivo ensinar adultos camponeses a ler e a escrever. Na ocasião, Jânio Quadros e Dom José Távora, responsáveis pelas escolas radiofônicas, discutiram a possibilidade de criar um programa educativo via rádio, a fim de proporcionar às classes menos favorecidas o direito à educação (Kadt, 2007).

No início do mandato de Jânio Quadros, foi firmado um acordo por meio do Decreto nº 50.370, de 21 de março de 1961, que estabelecia um plano de trabalho quinquenal (1961-1965), podendo ser prorrogado. Para a execução das atividades, o Governo Federal disponibilizaria bimestralmente cerca de cento e cinquenta milhões de cruzeiros para a CNBB, com o propósito de fomentar a criação de cerca de quinze mil escolas radiofônicas (MEB, 1966). O governo de Jânio Quadros foi breve, ao qual renunciou com apenas sete meses no cargo. Após a renúncia, assumiu o vice João Goulart, que permaneceu de setembro de 1961 a abril de 1964, momento em que foi deposto (Skidmore, 1982).

No governo de João Goulart, por meio do “programa das reformas de base”, buscou-se conquistar a “emancipação política” do país e, para isso, era necessário que o Brasil fosse progressivamente se desvinculando da dependência das nações estrangeiras e suas agências

financeiras. Em seus discursos, o presidente defendia reformas estruturais cujo peso não recaísse apenas nos chamados “menos afortunados”. Tais reformas deveriam estimular o desenvolvimento industrial, a reestruturação da produção agrária e a integração do mercado interno, aliando o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento social, ou seja, a justiça e a paz. Na concepção de João Goulart, as reformas de base transformariam o Brasil em uma “nação forte e independente”, o que ampliaria e fortaleceria o mercado interno, dependendo cada vez menos de outros países. Para atingir esses objetivos, algumas medidas seriam necessárias, a exemplo das reformas eleitoral, tributária, bancária, cambial, administrativa, universitária, urbana e agrária (Silva, 2019).

Foi nesse contexto de efervescência política que a CNBB elaborou um plano educativo e buscou desenvolver a educação de base, via escolas radiofônicas, junto à população menos favorecida, priorizando regiões cujos indicadores sociais e econômicos apresentavam mais vulnerabilidade e desigualdades sociais. O MEB foi, aos poucos, ampliando a sua área de atuação, passando de 11 sistemas¹ em 1961, para 60 sistemas em 1963, sendo o decorrer desses anos considerado um dos mais promissores. Para Duarte (1972), o MEB alcançou em 1964 o ponto mais alto nas curvas estatísticas, chegando a atingir aproximadamente quatrocentos mil alunos. Nesse momento, além das atividades desenvolvidas nas regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste, o MEB atuou também em alguns municípios do estado de Minas Gerais. O Amazonas foi contemplado com o Movimento a partir de 1963. O quadro a seguir apresenta o quantitativo de sistemas implantados entre os anos de 1961 e 1963.

Quadro 1: Sistemas do MEB de 1961 a 1963

Unidade da Federação	Número	Sistemas ²
Amazonas	02	Manaus/Tefé (*)
Pará	03	Belém (*), Bragança, Conceição do Araguaia
Maranhão	03	Caxias/Viana (*), São Luís
Piauí	01	Teresina
Ceará	04	Crato, Fortaleza, Limoeiro do Norte, Sobral
R. G. Norte	03	Caicó/Natal (*), Mossoró
Paraíba	01	Cajazeiras (*)
Pernambuco	09	Garanhuns/Pesqueira/Palmares (*), Afogados de Ingazeira, Caruaru, Itacuruba, Nazaré da Mata, Recife, Petrolina
Alagoas	02	Maceió, Penedo
Sergipe	03	Estância/Propriá (*), Aracaju
Bahia	11	Amargosa, Barra, Caetité, Feira de Santana, Ilhéus, Rui Barbosa, Salvador, São Gonçalo, Senhor do Bonfim, Vitória da Conquista, Juazeiro (*)
Minas Gerais	14	Araçuaí, Belo Horizonte, Caratinga, Governador Valadares, Juiz de Fora, Luz, Marliéria, Montes Claros, Monte Santo, Oliveira, Pará de Minas, Teófilo Otoni, Três Corações, Viçosa (*)
Goiás	01	Goiânia
Mato Grosso	02	Campo Grande, Cuiabá (*)
Rondônia	01	Porto Velho (*)
Total: 15 Estados e 60 Sistemas		

Fonte: MEB (1963, p. 6).

¹ Denomina-se sistema uma organização local do MEB, criado em uma determinada Prelazia ou Diocese, que constituía uma equipe local para elaborar a programação das escolas radiofônicas (Duarte, 1972, p. 23).

² (*) Sistemas iniciados em 1963, os demais foram criados em 1961/1962.

Os dados apresentados no relatório anual do MEB em 1963 revelam que os sistemas, em sua maioria, estavam localizados nos estados de Pernambuco, Bahia e Minas Gerais e, dos 60 instituídos nos primeiros anos, cerca de 50% foram criados e iniciaram seus trabalhos em 1963, como é o caso de Minas Gerais, Rondônia e Amazonas. Para que fosse implantado um sistema do MEB em uma Diocese ou Prelazia, o bispo local deveria manifestar interesse, juntamente com o Governo Estadual. Foi o caso de Minas Gerais, por exemplo, que apesar de não estar em uma região considerada subdesenvolvida, teve 14 sistemas criados em 1963. Foi a partir de um clima profícuo e de aliança entre Igreja e Estado que se desenvolveu o discurso de que era necessária uma formação humana mais ampla, ou seja, no desenvolvimento das suas várias dimensões: científica, política, ética e estética. Segundo o relatório anual do MEB em 1961, a educação de base deveria propiciar ao homem:

uma concepção de vida, que o torne consciente do seu valor físico, espiritual, moral e cívico; um estilo de vida que, por meio de técnicas e hábitos pessoais, familiares e sociais, oriente o comportamento prático de cada um; uma mística de vida que, agindo como força interior, assegure um dinamismo e um entusiasmo eficazes no cumprimento dos deveres, no exercício dos direitos e, em geral, na realização dos fins da existência (MEB, 1961, p. 1).

Em relação ao papel da Igreja Católica na condução da educação de base, Kadt (2007) salienta que estava ligada às seguintes razões: de um lado, a Igreja que assumia a função de educar e evangelizar e, de outro, interesses políticos como a ampliação do contingente eleitoral e a redução do analfabetismo. Assim, Dom José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju, formalizou à Presidência da República, em nome da CNBB, a proposta para criar um programa de educação de base utilizando as escolas radiofônicas. O MEB iniciou suas atividades a partir das estruturas deixadas por iniciativas bem-sucedidas em educação ao final dos anos de 1950, na Região Nordeste do país. De acordo com Paiva (2009, p. 51):

a implantação de um sistema educativo com base em emissoras radiofônicas encurtava distâncias, facilitando o acesso dos camponeses à educação, dando-lhes possibilidades de se desenvolverem enquanto membros de uma comunidade maior. O rádio significava, de forma concreta, a tecnologia a serviço da educação do homem camponês.

A existência de emissoras católicas foi fundamental para atingir as populações do meio rural, uma vez que o difícil acesso às regiões mais longínquas e a falta de recursos deixavam a população camponesa à margem da sociedade. O MEB, nos primeiros anos de atuação, tinha o intuito de oferecer à população rural uma educação de cunho conscientizador. Em seu trabalho, procurava formar o indivíduo dentro do contexto em que estava inserido, valorizando a realidade cultural e mostrando as possibilidades de escolha, bem como os caminhos mais viáveis para a sua realização. De acordo com o relatório anual de 1961, a educação de base deve “[...] visar e assegurar a cada pessoa um mínimo de saber, de capacidade de julgar, de técnicas de conduta e de bem-estar, que a tornem apta a se realizar ao máximo, superar-se, progredir em todas as direções acessíveis” (MEB, 1961, p. 1).

Para atingir esse propósito, o trabalho desenvolvido pelo MEB era realizado por monitores, acompanhados por supervisores que visitavam os contextos locais onde o MEB empreendia suas ações. Procuravam, com isso, conhecer os desafios e as possibilidades para, coletivamente, buscarem soluções para as situações-problema, possibilitando aos estudantes a oportunidade de ação e de engajamento em diferentes atividades. Em suas práticas pedagógicas,

o MEB buscou sensibilizar o homem perante a sociedade, por meio de motivações e mudanças de atitude, conduzindo-os ao processo de politização. Segundo Paiva (2009), para que o indivíduo fosse politizado, era necessário ter consciência de sua função como sujeito socialmente ativo, bem como atuar de forma crítica e coletiva para modificá-la.

A partir de 1964, a relação do Estado com a Igreja Católica, principalmente com o grupo denominado progressista, começou a ser abalada em função de questões políticas e ideológicas, o que impactou diretamente o trabalho que estava sendo desenvolvido pelo MEB. Diante da nova ordem vigente, os sistemas foram temporariamente suspensos e a cartilha “Viver é lutar” apreendida. De acordo com Fávero (2006), foram impressos cerca de 50 mil exemplares dessa cartilha, sendo distribuídas, no início de 1964, para os sistemas do Nordeste, alguns do Norte e de Minas Gerais. Desses impressos, foram apreendidos pela polícia aproximadamente três mil exemplares, que se encontravam na gráfica no estado da Guanabara.

Nesse contexto, todos os movimentos de educação e cultura popular foram fechados e apenas o MEB conseguiu, a partir de muitas negociações com o Estado, contornar a situação e retomar suas atividades. Diante disso, é necessário refletirmos sobre as posturas/posicionamentos dos grupos de católicos que representavam a Igreja: quais eram os seus objetivos? Por que manifestavam interesse pela educação? Qual o retorno ou benefícios recebidos? Raposo (1985, p. 28), apresenta pistas sobre tais questões:

Tomava a Igreja consciência de que se constituía uma necessidade de urgência rearticular-se e adotar um posicionamento deliberado a favor da solução dos problemas sociais que afligiam as camadas populares do meio rural. A Igreja estava, portanto, consciente de que a sua não intervenção poderia afastar de si estas populações que, como afirmava D. Távora, eram secularmente fiéis à Igreja e profundamente religiosas. Percebe-se então que a sensibilidade da Igreja para os problemas sociais não se deveu principalmente às condições de vida sub-humanas em que viviam as populações do meio rural, pois estas não constituíam um fato recente; muito pelo contrário, era uma realidade secular. A novidade é que estas populações começavam a romper deliberadamente com a submissão à realidade e perceber a necessidade de uma nova resistência da coletiva.

Nesse jogo entre a Igreja e o Estado, o MEB foi atingido diretamente, passando a enfrentar dificuldades em consequência não apenas das suas atividades de cunho mais conscientizador, mas também pela relação divergente estabelecida no âmbito político e pelos cortes de recursos financeiros essenciais para a continuação do trabalho. Tais divergências acentuaram o nível de desconfiança do Estado, que foi retirando a autonomia da Igreja e abalando os acordos estabelecidos em prol da educação de adultos (Kadt, 2007).

Os embates, nessa conjuntura, fizeram com que parte do episcopado refletisse acerca do seu papel, cedendo às pressões do governo, redefinindo os objetivos e as diretrizes do MEB. Todavia, nem todos os bispos e sistemas do MEB estavam abertos às mudanças, o que foi entendido como enfrentamento e resultou em punições que o Estado julgava necessárias.

A partir da análise empreendida, constatamos que os sistemas do MEB dispostos a se adequarem à nova ordem vigente modificaram o conceito de conscientização criado anteriormente e passaram a ter como fins a “[...] evangelização; depois a alfabetização, a catequese, a formação religiosa, a transmissão de conhecimentos gerais [...], a formação de liderança, a orientação pedagógica e a valorização de critérios” (Fávero, 2006, p. 114). Aqueles que se recusaram à mudança, foram acusados de comunistas, marxistas e subversivos e punidos por isso.

Em meio a um clima de desconfianças e acusações, o MEB reformulou suas ideias, seus objetivos e metodologia para sobreviver àquele período. De acordo com Kadt (2007), no auge do regime militar, o MEB atuou muito mais na perspectiva de catequização do que de conscientização. Kadt (2007, p. 229) acrescenta que “[...] a maioria dos documentos do Movimento publicados depois do golpe de abril de 1964 mostram enorme resistência em discutir conflitos e injustiça, tanto quanto métodos de superá-los, a não ser em termos abstratos gerais”. Desse modo, em algumas regiões, o MEB assumiu uma posição menos comprometida com as lutas em prol das desigualdades sociais.

Assim, é possível perceber que o MEB utilizava em determinados momentos táticas e em outras estratégias (Certeau, 2017). Para dialogar com o Estado, adotava táticas de sobrevivência, negociando, recuando, articulando propostas e, ao mesmo tempo, jogava no campo das estratégias, para envolver as massas populares e fiéis em suas ações educacionais, culturais, religiosas e políticas, desse modo demonstrando para o Estado que representava uma parcela da população que estava carente dos direitos básicos, como educação, saúde e cultura. Em tal jogo ideológico, a Igreja, composta por pelo menos dois grupos (conservadores e progressistas), foi perdendo espaço, poder, recursos públicos e representatividade.

O período do regime militar foi marcado por repressão e por uma intensa fiscalização. A censura foi instaurada e o cerco imposto pelo governo, aos poucos, foi se fechando. De acordo com Kadt (2007), o MEB ficou “sob fogo cruzado” e alguns bispos resolveram se aliar aos que não concordavam com as atividades desenvolvidas pelo Movimento na luta contra a opressão e as desigualdades. Dessa forma, o clima entre a Igreja e o Estado se tornou cada vez mais tenso, pelo menos para uma parcela do episcopado.

Diante dessas divergências, a situação do MEB ficou insustentável e, a partir de 1967, o Movimento começou a perder espaço em vários estados brasileiros, sofrendo uma queda progressiva no quantitativo de sistemas, de escolas e do número de matriculados. De acordo com Kadt (2007), os camponeses da Região Nordeste haviam perdido o “[...] interesse nas escolas radiofônicas que já não podiam nem discutir os problemas reais enfrentados pelo povo, nem assegurar a promessa de uma participação política significativa para os alfabetizados” (2007, p. 154). A partir de 1967, muitos sistemas do MEB preferiram encerrar as atividades por questões políticas, ideológicas e por falta de recursos, havendo assim um deslocamento do MEB para a Região Norte do país. Kadt (2007, p. 234) apresenta a progressão das escolas radiofônicas do MEB nessa região:

No final de 1965, o Norte contribuía com 23% de todas as escolas radiofônicas, 20% dos alunos e 16% do pessoal local (sem contar aqueles que trabalhavam no Nacional, no Rio). Dois anos mais tarde, após o encolhimento do Movimento para 21 sistemas, as escolas radiofônicas do Norte passaram a constituir 75% do total, os alunos de lá representavam 53% e os 80 funcionários da área eram 44% do pessoal trabalhando fora do Rio de Janeiro.

À luz desses dados, constatamos que a história do MEB na Região Norte caminhou *pari passu* com o processo de instauração do regime militar, adaptando-se aos diferentes contextos e repensando suas práticas por uma questão de sobrevivência. Em alguns momentos, dando mais ênfase à alfabetização e à evangelização e evitando discussões sobre política e desigualdade social. Na concepção de Kadt (2007), a imensidão geográfica, as condições naturais e as dificuldades enfrentadas no campo da comunicação e do transporte contribuíram de forma significativa para o deslocamento do MEB para o Norte do país e fizeram com que as ações desenvolvidas nessa região fossem diferentes das demais. O autor se refere ao povo da região amazônica como:

isolados e primitivos, pobres e até mais destituídos de oportunidade de educação do que os camponeses das outras partes do país, o habitante da Amazônia conta apenas consigo mesmo para cuidar da sua própria sobrevivência, sem o apoio de vizinhos próximos. Suas técnicas de cultivo são as mais simples. Ele é essencialmente um coletor de produtos da floresta tropical e dos rios (madeira, castanha, borracha, peixe) e o faz com a ajuda dos mais primitivos instrumentos (Kadt, 2007, p. 235).

Em meio às divergências políticas e ideológicas, à falta de recursos e à desconfiança por parte do Estado, a Igreja Católica teve reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo MEB internacionalmente. Em 1968, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) recebeu cerca de 49 candidaturas para o prêmio Mohammad Reza Pahlavi³ e, dentre os concorrentes, estava o MEB, que foi o vencedor. Os jurados do concurso foram unânimes na concessão do prêmio, reconhecendo o seu esforço para alfabetizar adultos via escolas radiofônicas, além das contribuições para o desenvolvimento econômico, social e cultural das regiões menos favorecidas.

Apesar desse reconhecimento, os últimos anos da década de 1960 foram marcados por uma forte crise financeira do MEB e na Região Norte não foi diferente. Esse aspecto refletiu diretamente em sua estrutura, no trabalho pedagógico e no treinamento dos coordenadores, supervisores e monitores.

Os desafios se fizeram presentes em todos os sistemas do MEB e, no Amazonas, mais especificamente em Tefé, o Movimento buscou táticas de sobrevivência (Certeau, 2017), como a parceria com instituições nacionais e internacionais. A partir de então, passou a receber recursos da Organização Católica de Ajuda e Socorro ao Desenvolvimento (Cordaid)⁴ da Holanda e da Organização dos Bispos Católicos Alemães para a Cooperação e para o Desenvolvimento (Miserear)⁵ da Alemanha.

O MEB navegando pelas ondas da Rádio Educação Rural de Tefé

A programação da Rádio Educação Rural de Tefé foi, aos poucos, superando os desafios e variando as questões abordadas. No geral, diziam respeito à alfabetização, à conversa com monitores e com os animadores de setores, havia palestras com representantes de grupos de animação popular, informações, avisos, noticiários, musicais, orientação para a resolução de problemas enfrentados pela população nas comunidades ribeirinhas, resposta às cartas dos monitores e dos alunos e comemorações em datas cívicas e religiosas. Apresentamos a seguir o quadro com os principais programas radiofônicos da Rádio Educação Rural de Tefé, ao longo da década de 1970.

³ O prêmio Mohammad Reza Pahlavi objetivava estimular e reconhecer ações desenvolvidas por pessoas, instituições, associações, escolas, universidades, sindicatos, movimentos, entre outros, que desenvolviam programas de alfabetização de adultos e contribuíam para a superação do analfabetismo (MEB, 1968, p. 1).

⁴ É uma organização social criada na Holanda, que tem como missão combater a pobreza em regiões frágeis e conflituosas. Disponível em: <https://www.cordaid.org/en/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

⁵ Organização fundada em 1958, tem como objetivo combater a fome e a doença no mundo. Na sua função de agência de desenvolvimento da Igreja Católica da Alemanha, ofereceu cooperação para combater a pobreza a nível mundial. Disponível em: <http://www.misereor.org/pt/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

Quadro 2: Programação da Rádio Educação Rural de Tefé

Nome do Programa Radiofônico	Cursos/Atividades/Temáticas	Dias Semanais	Horário/Turno
Programa de Alfabetização	Alfabetização funcional: leitura e escrita	Segunda a sexta	07h – 10h 19h30 – 20h
Show das Crianças	Entretenimento infantil	Diariamente	10h – 11h
Celebração da Missa	Evangelização	Domingo	8h
Conversando com o Ouvinte	Supletivo de 1º grau, sindicalismo, cooperativismo, entre outros.	Segunda a sexta	Noite 180 minutos
Conversa com as Comunidades	Orientações diversas a população das comunidades ribeirinhas: escolas radiofônicas, saúde e lazer.	Sábado	Noite 30 minutos
A Hora do Esporte	Noticiário esportivo e transmissão de jogos de futebol: local, regional e nacional	–	–
Recordando o Passado	Solicitações de músicas via cartas	Sábado	–
Avisos para o Interior	Notícias/Avisos Gerais	Diariamente	Noite 30 minutos

Fonte: Relatórios MEB 1978, 1979 e 1980.

A Rádio Educação Rural contava com a colaboração da equipe do MEB Tefé para formatar vários programas radiofônicos, a exemplo do “Programa de Alfabetização”, do “Conversando com o Ouvinte” e do “Conversa com as Comunidades”. A programação da Rádio era uma referência para a população que vivia nas comunidades, mesmo porque ela se apresentava como única opção para os moradores. As escolas ou as casas dos monitores eram frequentadas assiduamente pelos alunos-ouvintes e pelos moradores dos arredores. Para levar ao ar os diversos programas radiofônicos, a Rádio Educação Rural de Tefé enfrentou muitos desafios:

No início tudo era difícil: os aparelhos das escolas eram cativos, a emissora mal sintonizada e para a montagem de uma escola tínhamos que usar antenas de aço de 10 a 20 metros de extensão em varas que variavam de 4 a 6 metros de alturas, às vezes necessitando 2 antenas. O programa da rádio era quase todo do MEB e contava com uma equipe de trabalho muito boa e unida. A audiência era 100% [...]. O povo começava a ser servido com as mensagens ‘programa de avisos’, e ‘programa musicais’, mais tarde as ‘melodias aos aniversariantes’. Depois vieram os noticiários nacionais e internacionais colhidos com muito sacrifício, [...] gravando de hora em hora as notícias da Rádio Globo do Rio e da Rádio Guaíba em horário intercalado [...]. Como o MEB movimentou o esporte local, então foi criado o programa ‘A hora do esporte’ e na parte musical [...] foi criado o programa ‘recordando o passado’, com músicas boemias aos sábados. Assim foram feitos os programas [...] feitos pelo MEB. Dom Joaquim [...] nos dava todo apoio. Mais tarde o padre Paulo [...] criou o programa ‘Show das crianças’, no horário da manhã [...]. As suas ligações deram a oportunidade de transmitir a missa das 8h da manhã aos domingos para o pessoal do interior [...] (MEB Tefé, 1990, p. 1-2).

Sendo assim, havia uma programação diversificada, que atendia principalmente à população que residia em comunidades ribeirinhas. Com a colaboração da equipe do MEB, vários programas foram desenvolvidos, como o “A Hora do Esporte”, que transmitia os jogos de futebol nos âmbitos local, regional e nacional. O programa “Recordando o Passado” atendia ao ouvinte, especialmente aos sábados, com músicas românticas solicitadas via carta. Com o passar do tempo, criou-se dois programas que iam ao ar diariamente: o “Show das Crianças”, transmitido pela manhã, diretamente do Cine São José, e o “Avisos para o Interior”, à noite, com foco em noticiários mais gerais, além de avisos aos familiares das pessoas que se encontravam na cidade para resolver questões pessoais, principalmente de saúde. A Rádio reservava um tempo para a programação de cunho religioso, como a celebração da missa, aos finais de semana.

Ao dialogar com autores que discutem o MEB em outras regiões do país, foi possível perceber que o rádio também assumiu um papel fundamental para o diálogo entre os membros das equipes do MEB e as populações rurais, que viviam isoladas e sem assistência por parte do Estado. É o caso, por exemplo, do MEB Goiás, que desenvolveu uma programação radiofônica para assessorar a população menos favorecida. Peixoto Filho (2003, p. 86), ressalta que:

O programa radiofônico A Comunidade se Reúne foi criado para desempenhar um papel de assessoria pelo rádio, apresentando quadros entre os problemas comuns às comunidades rurais, divulgando as experiências e solicitando sugestões para os debates. Esse programa era apresentado aos sábados, com diálogos teatralizados, cujos personagens, retirados do dia a dia da vida rural, serviam como elemento animador das reuniões que se realizavam nas comunidades [...]. Para a sua elaboração, a Equipe Central contava com a participação dos monitores e de pessoas que, embora não pertencessem ao quadro de funcionários do MEB, colaboravam cotidianamente. Esse programa, procurando sempre mostrar a importância do diálogo entre diversos grupos e pessoas de uma comunidade e entre elas, contribuiu para a criação de instrumentos pedagógicos que possibilitassem aos próprios monitores e líderes encaminharem soluções e buscar formas organizativas [...].

Em Tefé, a partir da década de 1970, os programas radiofônicos já não eram os únicos meios de se aproximar da população, uma vez que o Movimento passou a desenvolver também atividades de forma presencial. Em 1977, no estado Amazonas, o MEB estava presente em sete sistemas, com uma área de abrangência de 13 municípios, que atendiam cerca de 197 comunidades ribeirinhas, atingindo assim uma média de 35.853 pessoas (MEB, 1977). Suas ações, sejam sistemáticas ou assistemáticas, tiveram muito destaque por décadas. Dentre eles, podemos citar o programa “Conversa com as Comunidades”, de cunho cultural/informativo, transmitido aos sábados à noite, com duração de 30 minutos e a finalidade de estabelecer diálogo, divulgar notícias, esclarecer dúvidas, emitir sugestões e proporcionar orientações a partir das demandas encaminhadas pelas localidades. Além de criar um intercâmbio entre as escolas radiofônicas, cada comunidade poderia divulgar os trabalhos que estavam sendo realizados. Apresentaremos como exemplo o *script* da programação do dia 14 de agosto de 1971, com duração de 30 minutos, que salientou os trabalhos realizados em uma comunidade ribeirinha, denominada “Ilha do Icé”:

TÉCNICA PREFIXO

PROFESSOR - Amigos ouvintes das comunidades, o nosso boa noite a todos vocês [...]. Amigos como é que vamos com os trabalhos, tudo bom creio que sim, pois nesta época todos estão preocupados com a produção não é verdade? Algumas já estão sendo financiados pela ACAR, para o plantio deste ano. Mas amigos aqui estamos com o nosso programa de todos os sábados, conversa com as comunidades e neste programa de hoje nós vamos falar um pouco para os nossos amigos da comunidade da Ilha do Icé, que depois de uma longa temporada estava parada sem ao menos um trabalho comunitário. Mas antes de começarmos o nosso bate-papo de hoje, convido aí os amigos que ainda estão por fora, para entrar e se sentarem nos seus respectivos lugares, para ouvirem com atenção a nossa conversa de hoje.

TÉCNICA CORTINA

PROFESSOR - Bem amigos, como eu acabei de falar a pouco que este programa, é de comunidades, então vamos agora falar um pouco com os amigos da comunidade da Ilha do Icé. Pois bem, a comunidade do Icé, no momento está querendo dar o seu passo para o desenvolvimento de sua localidade, já nesta semana a comunidade iniciou os trabalhos comunitários, onde trabalharam na roça do senhor Paulino, e lá compareceram oito pessoas, no mesmo dia, isto é, dia 3. Algumas pessoas foram tirar madeiras, no dia seguinte foram ao ajuri de Cipriano, e lá compareceram sete pessoas para o plantio. No dia 7, nove pessoas foram amarrar madeiras do Sr. Francisco e do seu Raimundo. No dia 10, a comunidade reuniu-se para plantar a roça do Sr. Manuel, agora houve muitos outros trabalhos feitos pela mesma comunidade que tem na direção o Sr. Francisco. [...] Minha gente amiga, é isso realmente o que uma comunidade deve fazer, é trabalhar juntos para uma melhor produção, e uma vida mais tranquila, porque se todos vivessem em comunidade, [...] não haveria mais ninguém mal de vida, porque o que um tinha os outros também teriam, pois ninguém é mais do que o outro, não adianta a gente querer trabalhar só, pois não traz muito resultado, ao passo que em comunidade um ajuda o outro e a produção aumenta, e uma vez aumentando a produção, nós lucramos muito mais. Não é verdade?

TÉCNICA CORTINA

PROFESSOR - Pois bem, amigos como estava falando em comunidade do Icé, ela está novamente se movimentando, e é isto meus amigos, vamos em frente não vamos esmorecer, que ainda temos bastante tempo para a reunião, como está previsto para todas as manhãs, e para isso o presidente Francisco Ferreira dos Santos convida a todos os membros da diretoria, e aos sócios para uma reunião amanhã em sua residência para tratar assuntos da comunidade e da escola, pois o povo necessita de uma escola, porque trabalhar sem nada saber é mesmo que não trabalhar, todos nós necessitamos de uma escola, para a gente e nossos filhos estudarem. [...] Vamos gente amiga do Icé estudar, não vamos dar atenção a pessoas que não querem o nosso bem, o que se passou aí na escola foi simplesmente um boato, uma conversa, de que o MEB não ia ligar mais para a escola, absolutamente, isso é pura mentira. [...] O

MEB quer trabalhar junto com vocês, agora, o que nós queremos é que todos correspondam ao que estamos fazendo. [...] Agora, uma coisa é certa, uma vez que ninguém queira estudar e nem viver em comunidade, nós praticamente não vamos mais dar o nosso apoio, isso não é só o MEB, como também a Caritas, a ACAR e outras entidades que trabalham com os nossos amigos do interior. Por isso, [...] vamos dar um ponto final em todas essas conversas, e vamos começar a estudar, vamos elevar a nossa escola [...]. Nós vivemos em comunidade, então para que tanta briga, tanta conversa de um querendo prejudicar o outro, é pena que no momento nós aqui não dispomos de nenhum barco, mas logo que voltem nós iremos novamente dar apoio às comunidades como antes. As escolas que estão paradas faremos o possível de funcionar novamente [...]. Não estamos falando isso com raiva, absolutamente, ao contrário estamos procurando orientar vocês em tudo o que no momento está prejudicando, então vamos em frente, vamos trabalhar unidos e veremos como as nossas vidas vão melhorar (Script, MEB Tefé, 1971, p. 1-2).

Nesse programa, havia o incentivo para que a população estudasse e desenvolvesse trabalhos de forma coletiva. Além disso, eram divulgadas as reuniões que ocorreriam nas comunidades e as temáticas a serem tratadas. Os temas eram diversificados e versavam, geralmente, sobre o ensino supletivo, o clube de mães, a ação litúrgica, as ações relacionadas à saúde, os trabalhos comunitários realizados na agricultura e as construções de casas comunitárias (MEB, 1978). Assim, procurava-se aconselhar os moradores a viverem de forma harmônica, a estarem atentos ao período de plantio e à escolha do tipo de plantação, dando prioridade para aquelas que dariam retorno mais rapidamente, também aconselhava a população a evitar as “fofocas” e os desentendimentos, pois essas questões não eram benéficas e poderiam gerar dificuldade ou prejuízo não apenas individualmente, mas coletivamente. Neste sentido, o MEB procurava trabalhar aspectos relacionados à conscientização, à politização, à mudança de atitude e à instrumentação das comunidades, a partir de temas relacionados ao cotidiano. Para Wanderley (1984, p. 225):

Por mudança de atitudes compreendia-se: atitude crítica, atitude de valorização, atitude de mudança é atitude de cooperação. E a instrumentação das comunidades representava a habilitação e informação em termos de instrumentos de análise (ler, escrever, interpretar relações etc), instrumentos de produção (procedimentos de saúde e higiene, utilizar a legislação e os costumes referentes à produção e ao consumo etc), e instrumentos de organização (técnicas de trabalho em grupo, saber fundar e dinamizar clubes, sindicatos, cooperativas etc).

A equipe do MEB procurava de forma presencial e via rádio combater atitudes individualistas, ou seja, sensibilizava o povo sobre a importância do trabalho coletivo. Cada comunidade seguia um ritmo, enquanto havia aquelas que ainda não tinham se organizado, outras já estavam mais adiantadas e cabia à equipe do MEB estimular aqueles mais desenvolvidos a ajudarem os demais, uma vez que se pregava o espírito colaborativo, isto é, todos deveriam viver em comunhão, ajudando uns aos outros.

Ao final do programa “Conversando com as Comunidades”, havia a leitura de cartas dos alunos e monitores do MEB. No que se refere aos alunos, havia a solicitação de músicas,

de felicitações de aniversário, de informações gerais e, a partir dessas cartas, as supervisoras avaliavam as habilidades de escrita dos alunos. O aluno era incentivado pelo professor-locutor e pelo monitor a escrever para o programa, pois ouviria no rádio o seu nome, da sua localidade e da escola. Nesse tipo de programação, havia a interação entre a equipe local do MEB com o monitor, os alunos e as comunidades. Além disso, ouvir o nome da própria comunidade no rádio era motivo de orgulho para todos.

Acerca dessa questão, Souza (2013, p. 212) ressalta que, geralmente, os alunos do MEB solicitavam via carta esclarecimentos sobre os “[...] assuntos das aulas, perguntavam sobre tratamento de doenças, sobre receita de remédios caseiros, procedimentos agrícolas [...] etc.”. No *script* do programa “Conversa com as Comunidades” do sistema de Tefé, realizado no dia 21 de agosto de 1971, com duração de 30 minutos, direcionado aos alunos da escola Santa Maria, é possível perceber que as cartas enviadas pelos alunos do MEB Tefé passavam por análise da escrita e das operações matemáticas. Nessas cartas, os alunos solicitavam merenda, músicas, entre outras requisições.

TÉCNICA PREFIXO [...]

TÉCNICA CORTINA

PROFESSOR - ouvem o programa conversa com as comunidades, um programa elaborado e transmitido pelo Movimento de Educação de Base, para as comunidades do interior, dando prosseguimento ao seu programa, neste momento passaremos a apresentar a primeira parte dos aniversários da semana.

Da escola Santa Maria, no Rio Copeá a professora Dirce recebeu uma carta do aluno Dionísio Alves. Olá, Dionísio, o nosso boa noite a você! Olhe a sua carta está ótima, as suas contas também estão todas certas, ficamos satisfeito com isso, ouviu Dionísio, e esperamos que você continue sempre firme, pois só assim, o nosso Brasil vai pra frente mesmo. Se já soubessem ao menos o que você já sabe seria ótimo, a você e a boa turma da sua escola, o nosso abraço!

Ainda da escola Santa Maria, recebemos uma carta do aluno Joaquim Correia, dizendo que em sua escola tudo vai bem, o que não gosta mesmo é que não tem merenda. Olhe Joaquim, nós também não dispomos de merenda, e nada a esse respeito podemos fazer, uma vez que aí na sua escola é município de Maraã, se ao menos fosse de Tefé, nós íamos tentar obter uma merendinha para todos vocês, mas não é possível, esperamos que você sempre nos escreva, e aqui vai o nosso abraço a todos vocês [...].

Da escola Santa Maria recebemos uma carta do aluno Valdecir Semião. Olá, Valdecir, o nosso boa noite a você! Olhe, nós recebemos a sua carta e estamos muito satisfeitos, pois você demonstra em sua carta de que é capaz até de escrever para alguém sem nenhum susto de erros. Quanto a melodia que você solicita, nós iremos rodar na segunda-feira no programa conversando com o ouvinte [...]. Bem amigo, aqui vamos aguardar uma outra cartinha sua, e a você o nosso abraço! (Script, MEB Tefé, 1971, p. 4).

Sobre as cartas enviadas pelos monitores, Souza (2013, p. 212) afirma que, geralmente, as questões suscitadas nas correspondências estavam relacionadas à organização, ao funcionamento da escola e às providências quanto ao comportamento dos alunos. Assim como

à “[...] conversa durante as aulas, desconsideração às orientações e encaminhamento do monitor, namoro na escola, problema com o rádio, hábito de fumar, dentre outras”. Quanto ao programa “Conversa com as Comunidades” em Tefé, o conteúdo dizia respeito às informações sobre a realidade da escola, frequência dos alunos, solicitação de materiais didáticos, pedido para ministrar palestras sobre temas específicos, entre outros. A partir da análise, foi possível perceber que havia reclamações dos alunos e dos monitores do MEB em Tefé, sobretudo em relação à falta de material didático e à merenda escolar.

TÉCNICA PREFIXO [...]

TÉCNICA CORTINA

PROFESSOR - Da localidade Janamã recebemos uma carta do monitor Jacinto Cruz, informando que remeteu a folha de frequência. Nós recebemos viu Jacinto! Agora quanto ao giz que você solicita, nós não remetemos devido que a pessoa que veio entregar não esperou resposta, e foi este o motivo de não termos mandado, esperamos que logo que venha uma pessoa daí nos mande até aqui que será atendido, a você o nosso abraço!

De Nogueira a professora Dirce receber uma carta da monitora Teresa Batalha, convidando para fazer uma palestra no dia dos pais. Olhe Teresa, não é possível atender ao seu pedido, pois no momento não dispomos de barco, todos estão em viagem, se não ela ia até lá com vocês, mas não vai faltar ocasião. Esperamos a sua compreensão e aqui vai o nosso boa noite para você! (Script, MEB Tefé, 1971, p. 5).

É possível perceber que, nos programas radiofônicos do MEB, não havia a discussão de conteúdo específico, este era planejado a partir de temáticas e ocorria não apenas nos cursos de alfabetização, mas também nas demais programações formativas. Havia a escolha de assuntos que estavam relacionados à linguagem, ao cálculo, à história, à geografia, à educação moral e cívica, à higiene, à saúde, à instrução religiosa e aos conhecimentos gerais. Desse modo, não havia a intenção de trabalhar disciplinas de formas estanques. Neste sentido, Paiva (2009, p. 76) ressalta que “[...] a unidade mensal de trabalho definia o assunto a ser trabalhado em cada semana, [...] que era discutido e aprofundado em reunião semanal e a partir dessa reunião, cada uma elaborava o seu plano de aula que [...] era chamado de script, com duração de 30 a 45 minutos”. Nas aulas do MEB, havia a conexão das discussões teóricas com as “noções práticas”, ou seja, a partir dos conteúdos abordados havia o direcionamento de como aplicá-los ao cotidiano.

Embora a programação da Rádio Educação Rural de Tefé fosse variada, a centralidade das discussões girava em torno da educação/alfabetização de adultos, do sindicalismo e do cooperativismo, assessorando ações relacionadas à agricultura, à alimentação e à saúde (MEB Tefé, 1990). Os discursos eram permeados por questões ligadas ao ser humano, sua condição e sua relação com a sociedade. Propunha-se a suscitar, a partir dos programas oferecidos, reflexões sobre civismo, desigualdade e convívio social, principalmente daqueles que viviam isolados e destituídos de relações pautadas no espírito da coletividade e da solidariedade. Ao discutir civismo, por exemplo, o MEB Tefé se adequava à política governamental do regime militar, que incluiu o debate sobre educação moral e cívica, a qual pretendia moldar o comportamento da população a partir de preceitos moralistas.

As aulas de alfabetização do MEB em Tefé tinham como ponto de partida uma palavra geradora e, a partir dela, buscava-se estabelecer conexão com as problemáticas social, política, econômica e cultural da população. Seu significado era expresso por meio da oralidade, além de explorar a visualização de cartaz que projetava a grafia e a imagem que representava a

palavra utilizada. A oralidade era o principal recurso empregado no processo de decodificação da palavra apresentada.

No que se refere às discussões acerca do “sindicalismo” em Tefé, estas ocorriam por meio de palestras, orientações e principalmente por cursos, via rádio ou presencialmente, pois dependiam da disponibilidade da equipe local e dos recursos disponibilizados. A proposta do curso de Sindicalismo foi pensada com o intuito de formar líderes sindicais para sensibilizar os trabalhadores sobre a importância de se filiarem ao sindicato dos trabalhadores rurais. O sindicato tinha como função lutar pelos direitos dos trabalhadores, mas para isso, fazia-se necessário o envolvimento de todos nas mobilizações e reivindicações, engajando-se, portanto, em uma causa coletiva. O sindicalismo em Tefé teve destaque e, de certo modo, foi uma das atividades mais estimuladas e, por meio delas, as populações ribeirinhas buscaram união para reivindicar seus direitos trabalhistas. De acordo com Wanderley (1984, p. 284):

o trabalho de sindicalização rural se constituiu numa pedra de toque do processo educativo do MEB, exercendo influência sobre as equipes dos sistemas radiofônicos, sobre a programação das aulas, sobre os treinamentos, e, de certa forma, exigindo mais dos agentes. Uma constelação de fatores convergentes influiu na necessidade de o Movimento dedicar atenção especial nesta área de atuação: o estímulo dado pelo episcopado à criação de organizações rurais, em pronunciamentos e no Plano de Emergência da CNBB (1962), as diretrizes emanadas da encíclica *Mater et Magistra*, as solicitações vindas dos alunos e das comunidades, a colaboração pedida pelos grupos cristãos estruturados com a finalidade de sindicalizar nas dioceses.

Desse modo, o MEB contribuiu para potencializar a luta sindical a partir da década de 1960, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. A partir dessa assessoria, foi possível sistematizar e reivindicar uma série de questões que deixavam a população menos favorecida insatisfeita e, dentre elas, ressaltamos os desafios diários, o deslocamento para o trabalho, a carga horária exaustiva, a baixa remuneração, a relação de exploração entre empregador e empregado e os conflitos em casa por falta do necessário para a manutenção familiar. No que se refere aos treinamentos dos líderes comunitários para atuarem nesses cursos, verificamos que a maioria era do sexo masculino, ou seja, havia uma predominância de homens na participação de determinados assuntos, como política, sindicalismo e luta de classe, demonstrando assim uma visão preconceituosa e machista da sociedade.

Outro destaque em Tefé foi o “cooperativismo”, que buscou estimular a população a desenvolver trabalhos coletivos, os chamados “ajuris”, tipo de ação que se dava principalmente no arado da terra, na plantação, nas colheitas de roças e na construção de casas e escolas comunitárias. Para que essas atividades fossem efetivadas, a equipe do MEB orientava via cursos, na modalidade presencial, com carga horária de aproximadamente 40 horas, embora fosse ofertado via rádio, quando possível. Os objetivos que norteavam as discussões eram: refletir sobre o cooperativismo e sua importância, suscitar na população um espírito cooperativo e conscientizar as pessoas sobre as vantagens do trabalho em cooperação para o desenvolvimento da comunidade. De acordo com Grzybowski (1987, p. 72),

As cooperativas, enquanto organização econômicas, atua como o elo entre a produção camponesa (e as outras formas de produção no campo) e o capital agroindustrial, comercial e financeiro. São, por isto, agentes de integração de setores camponeses a elas associados, contribuindo decisivamente para a maior socialização da sua produção [...]. As

cooperativas, [...] pela particularidade de sua constituição, são também formas de organização e participação político-corporativas dos associados. Isto depende da região em que atuam, de seu porte e de sua importância no controle da produção e comercialização.

A partir desse tipo de formação, a equipe do MEB procurava auxiliar os grupos que pretendiam trabalhar com o cooperativismo e, para isso, ressaltava as vantagens de desenvolver ações nessa perspectiva, ou seja, havia a preparação e o incentivo para que “[...] a comunidade assumisse não apenas as atividades, mas também as decisões importantes sobre o que fazer” (Kadt, 2007, p. 243). Esse curso procurava sensibilizar a população a respeito do poder e da força que tinha a coletividade, da importância da união para resolver os problemas. Buscava-se, ao longo das aulas, refletir sobre a consciência de classe, o conhecimento dos direitos e deveres do trabalhador, ressaltando questões relacionadas ao processo estabelecido entre opressor e oprimido, tendo como base teórica os ensinamentos de Paulo Freire.

Desse modo, parece que o MEB, por meio do incentivo ao desenvolvimento de ações cooperativistas, criou táticas (Certeau, 2017) para driblar ou combater as práticas do empresariado e dos proprietários de terra, que estavam acostumados a criar suas próprias regras e, com isso, sedimentar uma relação opressora entre eles e a classe trabalhadora. O MEB em Tefé procurava sensibilizar as populações ribeirinhas para que desenvolvessem seus trabalhos em coletividade e se tornassem mais autônomos. Ensina também os métodos e as técnicas de construção de casas e principalmente sobre o processo de preparo da terra, da plantação de legumes, de frutas e de verduras, inclusive, orientava quanto à utilização de máquinas no preparo do solo, à escolha das melhores sementes para o plantio e ao uso de pesticidas para o combate de pragas (MEB Tefé, 1972). Segundo Fávero (2006, p. 224):

quando a ênfase estava posta nas escolas radiofônicas, ia-se da consciência dos problemas, através da crítica a situações de injustiça e exploração, para uma ação de mudança através dos grupos organizados (escolas radiofônicas, sindicatos, cooperativas, clube de mães, grupos de lazer etc.). Com a ênfase no contato direto, vai-se da ação à conscientização: a comunidade se encontra, descobre seus líderes, une-se em torno deles para equacionar e resolver seus problemas imediatos, conscientizando-se a partir da ação concreta e da reflexão sobre ela. O que contava, todavia, não era a ação pela ação, mas a organização da comunidade para a ação. Acreditava o MEB que, assumindo tarefas concretas, os grupos chegariam às causas dos problemas e organizar-se-iam para uma ação mais ampla e profunda de transformação das estruturas econômico sociais.

Dessa forma, o rádio passou a fazer parte do cotidiano da população ribeirinha de Tefé, a partir das escolas radiofônicas e, como recurso de transmissão oral, foi sendo introjetado nas comunidades, o que possibilitou a funcionalidade da escola e o sentimento de pertença ao projeto educacional proposto pela Igreja Católica. Ao estabelecer um conjunto de proposições no que tange à educação, à saúde, ao lazer e à religiosidade, o MEB foi mudando os costumes e as tradições das populações ribeirinhas. A equipe local utilizou como estratégia (Certeau, 2017) temas diversificados para que os programas radiofônicos não se tornassem repetitivos e, para isso, utilizou-se de entrevistas, depoimentos, cartas, músicas, documentários e experiências de outras regiões. Para facilitar o acesso, o MEB encomendou, em 1974, cerca de 1.601 aparelhos de rádio para que os sistemas pudessem repassar às comunidades a preço de

custo e, desse total, 417 foram distribuídos para os sistemas do Amazonas, ficando a maior parte para o de Tefé, com 247 aparelhos (MEB, 1974).

A familiaridade que as pessoas que habitavam o meio rural tinham com a transmissão oral foi um facilitador da comunicação entre a equipe local do MEB e a população. Para atingir esse objetivo, o Movimento se utilizou de diferentes formas de comunicação oral para atraí-la: programação infantil, religiosa, musical, esportiva, noticiário, entre outros. Assim, a população viu nas escolas radiofônicas a possibilidade de buscar novas aprendizagens, não apenas da leitura, da escrita e do cálculo, mas sobre questões práticas relacionadas ao seu cotidiano. A partir disso, a Rádio Educação Rural e o MEB Tefé formataram diariamente uma programação para atender aos trabalhadores, após o dia intenso de trabalho, os quais eram motivados a se reunirem para os estudos sistemáticos e assistemáticos⁶, com uma perspectiva pedagógica que primava pelas discussões acerca das situações-problema e das mudanças que poderiam ocorrer nas comunidades.

Ao fazer um balanço geral sobre as atividades do MEB, via rádio e presencialmente, é perceptível que o amparo financeiro do Governo Federal foi diminuindo gradativamente, gerando insegurança nas equipes locais, que viam a questão muito mais ligada às manobras políticas do que educacionais. Ao longo da trajetória do MEB, muitas crises financeiras foram enfrentadas e, em Tefé, os piores agravamentos ocorreram de 1964 a 1965, de 1968 a 1970 e de 1975 a 1980. As crises reduziram de 12 para seis o número de membros na equipe de Tefé, sendo reduzido também a carga horária da programação radiofônica, em 1980, passando de três horas para uma hora e meia (MEB Tefé, 1990).

A partir de 1975, as atividades do MEB foram comprometidas mais uma vez, por falta de recursos e, em 1980, a situação se intensificou e os bispos buscaram, por meio de encontros, reuniões, publicações de matérias jornalísticas e audiências com o Presidente da República (à época, João Figueiredo), reverter o problema de recursos, que em parte foram resolvidos. Entretanto, o ritmo de trabalho ficou comprometido pela limitação das verbas e pela demora para recebê-las. As perspectivas, neste sentido, não eram as melhores e, como saída, havia duas possibilidades: a redução das despesas básicas ou a decisão dos presidentes locais de encerrar as atividades em seus sistemas/departamentos. A opção acatada pelo presidente do MEB em Tefé foi dar continuidade às atividades e reduzir custos, principalmente no setor de pessoal. A decisão de encerrar as ações ocorreu apenas em 2003.

Considerações finais

A partir das análises, percebemos que Dom Joaquim de Lange, bispo da Prelazia de Tefé e presidente local do MEB, procurou acompanhar de perto os debates e as decisões políticas, educacionais e religiosas que estavam em voga nos âmbitos local, nacional e internacional. Participou ativamente de eventos importantes, como por exemplo, do Concílio Vaticano II (1962-1965), da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968), do Encontro dos Bispos da Amazônia em Santarém/PA (1972) e da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, no México (1979). Participações que influenciavam diretamente as ações do Movimento de Educação de Base em Tefé.

Assim, representada por Dom Joaquim, a Igreja Católica esteve, na maior parte do tempo, presente e atuante no município de Tefé, intervindo na vida das populações ribeirinhas, compostas majoritariamente por indígenas e caboclos, que enfrentavam o abandono por parte das autoridades públicas e o isolamento entre os municípios

⁶ O estudo “sistemático” se aproximava do formato da escola regular, com estudo de Português, Matemática, Religião, Ciências, Moral e Cívica. Já o “assistemático” envolvia cursos ou treinamentos relacionados às questões de saúde, alimentação, educação para o lar, higiene, puericultura, educação sanitária, sindicalismo e cooperativismo.

amazonenses, por causa do difícil acesso, que se dava apenas por meio de barcos ou canoas, ao longo dos rios Tefé, Solimões e Amazonas.

É necessário pensar o MEB em rede, uma vez que ele fez parte de um projeto maior, em que havia muitos interesses em jogo. Embora Dom Joaquim tenha demonstrado ser simpático à ala progressista e tenha transitado ao longo das décadas de 1960 e 1970 por vários eventos políticos, sociais e religiosos, bem como dialogado com os diferentes segmentos que protagonizaram inúmeros embates, parece que o bispo de Tefé procurou evitar o envolvimento direto com tais conflitos. Nesse tabuleiro, onde o jogo de poder estava sempre em pauta, é possível perceber um bispo articulado e atento às intervenções do Estado e fabulando táticas, para que o MEB em Tefé pudesse sobreviver ao regime militar.

O MEB, com o avançar do regime militar, foi perdendo força e vários sistemas foram extintos, principalmente nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, sendo os demais redimensionados quanto aos seus objetivos e metodologias. Em Tefé, sofreu mais impacto financeiro e evitou conflitos políticos. As comunidades ribeirinhas onde o Movimento atuava viviam desassistidas de políticas públicas e, por isso, havia uma presença marcante da Igreja Católica, levando o povo a reconhecê-la, muitas vezes, como um braço do Estado.

Como toda proposta educacional, a do MEB teve seus limites e suas possibilidades, mas precisamos reconhecer que houve ganhos significativos, tanto para a população carente, quanto para a Igreja. A população assistida pelo MEB Tefé vivia esquecida pelas autoridades públicas e a Igreja Católica, ao estar à frente de sua organização, ganhava prestígio, visibilidade e recursos financeiros de órgãos governamentais e não governamentais. Assim, foi possível vislumbrar o MEB em Tefé a partir de duas perspectivas: a primeira, um Movimento que se apropriava de táticas para driblar as determinações do Estado e a segunda, quando se utilizou das estratégias para envolver os diferentes sujeitos das comunidades ribeirinhas.

Portanto, o MEB em Tefé se desenvolveu em um cenário de luta política e, apesar das limitações, procurou atuar em diferentes vertentes para atender à população carente. Nos seus primeiros anos, procurou considerar a realidade sociocultural dos educandos e, por meio da educação de base, buscou transformar a estrutura social dos ribeirinhos, sensibilizando-os da importância de sua participação enquanto cidadãos ativos na sociedade. A população não tinha acesso à educação, ao saneamento básico, à moradia com qualidade e ao emprego formal, no geral, a ocupação era apenas para a subsistência e, por isso, não há como negar a importância do trabalho realizado por esse Movimento.

Referências

BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis: Vozes 2019.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Florense, 2017.

FÁVERO, Osmar. *Uma Pedagogia da Participação Popular: análise da prática pedagógica do MEB - Movimento de Educação de Base, 1961-1966*. Campinas: Autores Associados, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. Tradução Frederico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRZYBOWSKI, Cândido. *Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo*. Petrópolis: Vozes, 1987.

KADT, Emanuel de. *Católicos Radicais no Brasil*. Brasília: UNESCO/MEC, 2007.

PAIVA, Marlúcia Medeiros de (et al.). *As Escolas Radiofônicas de Natal: uma história construída por muitos (1958-1966)*. Brasília: Liber Livro/UFRN; Natal: 2009.

PEIXOTO FILHO, José. *A travessia do popular na contradança da educação*. Goiânia: UCG, 2003.

RAPOSO, Maria das Graças Brenha. *Movimento de Educação de Base: discurso e prática (1961-1967)*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão e Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, 1985.

SKIDMORE, E. Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. Tradução de Ismênia Tunes Dantas. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SILVA, Aline de Vasconcelos. João Goulart e as reformas de base. *Revista Textos e Debates*, Boa Vista, n.32, p.5-20, jan/jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v1i32.4182>

SOUZA, Cláudia Moraes de. *Pelas ondas do rádio: cultura popular, camponeses e o rádio nos anos 1960*. São Paulo: Alameda, 2013.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Educar Para Transformar: educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base*. Petrópolis: Vozes, 1984.

Relatórios e Encontros

MEB. *Relatório Anual*. Rio de Janeiro, 1961.

MEB. *Relatório Anual*. Rio de Janeiro, 1963.

MEB. MOTA, Antonio. *Relatório: Histórico da criação do MEB em Tefé*. Tefé, 1964.

MEB. *Relatório: MEB em cinco anos 1961-1966*. Rio de Janeiro, 1966.

MEB. *O que é o prêmio Mohammad Reza Pahlevi*. Rio de Janeiro, 1968.

MEB. *Relatório para Assembleia Geral da CNBB*. Rio de Janeiro, julho de 1969.

MEB. *Relatório final: reunião de planejamento de um programa de radiodifusão rural educativa para a Amazônia*, 1970.

MEB. *Relatório Anual*. Tefé, 1971.

MEB. *Relatório Geral*. Rio de Janeiro, 1972.

MEB. DUARTE, Luciano José Cabral. *O trabalho do Movimento de Educação de Base e o desenvolvimento social*. Brasília, 1972.

MEB. *Relatório Anual*. Rio de Janeiro, 1973.

MEB. *Informações sobre o supletivo*. Tefé, 1974.

MEB. *Relatório: cursos por sistema*. Tefé, 1975.

MEB. *Relatório Anual*. Rio de Janeiro, 1976.

MEB. *Relatório Anual*. Rio de Janeiro, 1977.

MEB. *Relatório Anual*. Rio de Janeiro, 1978.

MEB. *Relatório Anual*. Brasília, 1979.

MEB. *Relatório Anual*. Brasília, 1980.

MEB. *Relatório Anual*. Brasília, 1981.

MEB. *Atividade radiofônica no departamento Tefé: 1963 a 1990*. Tefé 12/06/1990.

Scripts dos Programas do MEB

MEB. *Script*: programa conversa com as comunidades. Tefé, 1971.

MEB. *Script*: curso radiofônico de sindicalismo. Tefé, s/d.

MEB. *Script*: curso de cooperativismo. Tefé, s/d.

MEB. *Script*: curso radiofônico educação para o lar. Tefé, s/d.

MEB. *Script*: curso radiofônico educação alimentar. Tefé, s/d.